

Roxie Hart / 1942
É Bonita, Apresenta-se Bem

um filme de WILLIAM A. WELLMAN

Realização: William A. Wellman **Argumento:** Nunnally Johnson, segundo a peça "Chicago" de Maurine Watkins **Fotografia (35 mm, preto-e-branco):** Leon Shamroy **Direcção Artística:** Richard Day, Wiard B. Ihnen **Montagem:** James B. Clark **Música:** Alfred Newman **Coreografia:** Hermes Pan **Intérpretes:** Ginger Rogers (Roxie Hart), Adolphe Menjou (Billy Flynn), George Montgomery (Homer Howard), Lynne Overman (Jake Callahan), Nigel Bruce (E. Clay Benham), Phil Silvers (Babe), George Chandler (Amos Hart), Sara Allgood (Mrs. Morton), William Frawley (O'Malley), Spring Byington (Mary Sunshine), Ted North (Stuart Chapman), Helene Reynolds (Velma Wall), Charles D. Brown (Charles E. Murdock), Morris Ankrum (Martin Harrison), George Lessey (Juiz), Iris Adrian (Two-Gun Gertie), Milton Parsons, Billy Wayne, Charles Williams, Frank Darien, Jeff Corey.

Produção: Nunnally Johnson, para a 20th Century Fox **Cópia:** 35 mm, preto-e-branco, legendada eletronicamente em português **Duração:** 71 minutos **Estreia Mundial:** Fevereiro de 1942 **Estreia em Portugal:** 9 de Outubro de 1942, Éden, Lisboa **Primeira apresentação na Cinemateca:** Novembro de 1993 ("Redescobrir William A. Wellman").

Nota

Originalmente escrito em 1993, o texto de MCF foi revisto pela última vez pelo autor em 2008 ("Noites na Esplanada: *Pinups*"), data da última passagem de **Roxie Hart** na Cinemateca. Os paralelos contemporâneos devem ser entendidos à luz dessa referência temporal. (MJM)

Comecemos por uma curiosidade a que Wellman é inteiramente alheio, e que é o título português que tenho à cabeça dos mais idiotas na distribuição no nosso país, a merecer um prémio especial. Quem teve a missão de batizar por cá **Roxie Hart**, deve ter tido um esgotamento das meninges, e na pausa de descanso começou a trautear uma modinha muito popular por aqueles anos. Isso mesmo: o "Tiroliro" (Lá em cima está o tiroliro....) e parou num verso de uma das quadras intercalares (Comadre, rica comadre/ Ai, eu gosto da sua pequena/ É bonita, apresenta-se bem/ Parece que tem/ A face morena). E pronto, há falta de melhor ficou **É Bonita, Apresenta-se Bem**, que se podia aplicar a qualquer atriz de cinema, mas que calhou ser Ginger Rogers. Passemos ao lado destas agruras de alguns filmes e fiquemo-nos por **Roxie Hart** que vale bem a pena. Porque neste caso os meus excessos de adjectivação para alguns filmes de Wellman, estão inteiramente justificados. **Roxie Hart** não é a mais veloz *screwball comedy* porque dois anos antes Howard Hawks fizera **His Girl Friday**. Mas é, e nisso não tem qualquer filme que se lhe compare, a mais cínica até então saída dos estúdios americanos (e agradeço que me apontem alguma que o seja mais que tenho vindo depois), cinismo que começa logo na dedicatória: "*A todas as mulheres que mataram os maridos numa crise de raiva.*"

Roxie Hart é a adaptação de uma peça, "Chicago" de Maurine Watkins, que foi êxito do palco por alturas em que triunfava também a "Front Page", de Ben Hecht e Charles MacArthur (aliás a primeira parte de "Chicago" quase copia o tema desta última), já adaptada ao cinema em 1930, **Chicago**, de Frank Urson, com supervisão de Cecil B. DeMille (que este parece ter controlado inteiramente). Doze anos depois, com os filmes de jornalismo de novo na moda (o **Nothing Sacred**, de Wellman, o **His Girl Friday**, de Hawks, o **Foreign Correspondent**, de Hitchcock, etc.), Wellman retoma a intriga, segundo um argumento de Nunnally Johnson, mas com algumas variantes. E a mais significativa é a que justifica a aplicação de uma técnica habitual em Wellman: o *flashback*. Tudo começa numa noite de chuva (outra fórmula tão frequente em Wellman), num bar onde um George Montgomery, com maquilhagem de homem de meia-idade põe em movimento uma pianola há muito fora de uso, cuja música lhe evoca distantes recordações. E a conversa inicia-se à volta das manchetes dos jornais sobre o "caso do dia": uma mulher que matara o marido... porque ele a não deixara ir ver um filme com Victor Mature! A evocação é a de outra "*cause célèbre*" de cariz idêntico: a história de Roxie Hart que andara nas bocas do mundo, e nas primeiras páginas dos jornais quinze anos antes, nesses anos loucos da Proibição e vésperas da derrocada da Bolsa. Como em **Gallant Journey**, outro Wellman contemporâneo deste, voltaremos várias vezes ao "presente", com interrupção do *flashback*. Mas neste caso há outra razão. É que a história tem um remate inesperado e o fim do *flashback* não é o fim das surpresas. A melhor está para vir com um personagem inesperado a que até então não se dera muita atenção. Não vou privar-vos dessa surpresa e fico-me apenas pelo "miolo" da intriga.

Já disse que considero **Roxie Hart** o filme mais cínico que se fez. É altura de explicar. Não há nem personagens nem instituições que saiam incólumes deste "massacre", principalmente os chamados terceiro e quarto poder, a justiça e a imprensa. Como em **Nothing Sacred**, mas a um nível ainda mais grotesco, tudo, mas tudo, se transforma em espectáculo e se submete às leis da publicidade. Tudo e todos vendem a alma pela "glória" de aparecerem nas fotos dos jornais e citados nas suas linhas (as inenarráveis cenas dos fotógrafos na sala de audiências, com o juiz e os advogados levantando-se de chofre, ou correndo para a frente das objectivas, mal disparam os *flashes*). Andy Warhol não inventou nada ao falar dos "15 minutos de celebridade". É o espectáculo e não a notícia que domina (deste ponto de vista o filme não tem uma ruga e basta ver como se processa hoje a informação na televisão), o que importa é o seu efeito imediato, a emoção que provoca no leitor, porque é isso que vende os jornais, e não a sua veracidade, e quando esse efeito já se atenuou olvida-se o acontecimento puro e simplesmente deixando uma ideia por vezes errada no leitor. O comportamento oportunista dos jornalistas de **Front Page** e **Roxie Hart** não é um dado do passado.

Em **Roxie Hart** tudo se submete ao primado do espectáculo: Roxie quer publicidade que a empurre para a carreira artística, e para isso aceita fazer-se passar pela autora dos disparos que vitimaram o homem que se encontrava no seu quarto. Mesmo quando a única testemunha que a podia ilibar, e que deveria surgir *in extremis*, desaparece (de uma forma muito "languiana": recorde-se **Beyond a Reasonable Doubt**) e o seu pescoço fica em perigo, não desiste da encenação quando lhe dizem que entre os assistentes ao julgamento se encontra Florenz Ziegfeld, o das "Follies". Os jornalistas, esses, só querem cabeçalhos novos todos os dias e Roxie, quando começa a ver-se ultrapassada por Two-Gun Gertie, espécie de Bonnie Parker, inventa uma gravidez para de novo voltar aos cabeçalhos dos jornais. O advogado de defesa (uma fabulosa criação de Adolphe Menjou) só está preocupado com a notoriedade que o caso lhe traz e... com os dólares (a ele cabe uma das melhores frases do filme: *"Meu caro, quando você aqui entrou não lhe perguntei se ela era culpada ou inocente, e apenas o seguinte: trouxe os 5,000 dólares?"*)

A irrisão a que são submetidos todos os personagens transforma cada um deles em caricaturas, em esboços ridículos da grandiloquência dos discursos e do empolamento das situações. Todos são movidos pelo desejo: fama (Roxie, o seu ex-marido no fim, Two-Gun Gertie), pelo exibicionismo (os advogados, o juiz), pelo dinheiro ou pela concupiscência (os olhares gulosos dos jurados para as pernas de Roxie, que esta exhibe descaradamente... para eles). Todos? Aparentemente não. O personagem do narrador, que é o jovem jornalista que acompanha os acontecimentos, passa pelo filme como uma figura lunar e ingénua, espécie de Pierrot tentando atrair a atenção de uma irrequieta Columbina, tentando mostrar a sua inocência e chocando-se contra a muralha dos interesses de todos os outros. Empurrado sempre para o "canto", nunca chega a compreender bem qual é o seu papel no meio da gigantesca confusão. E o seu "triunfo" final, naquele inenarrável *happy end* (?) acaba por ser mais grotesco que todos os outros acontecimentos. Quem se aproveitou de quem? A resposta não oferece dúvidas, vendo-se na figura desbocada de Roxie o reflexo das mais sinistras imagens do matriarcado (a mulher de Jack Carson em **Cat in a Hot Tin Roof**, de Richard Brooks, por exemplo).

O filme desenvolve-se a um ritmo incontrolável, não deixando um momento de descanso ao espectador, seguindo a regra dos próprios jornalistas, passando de um momento forte para outro, exagerando-os até ao grotesco: a sequência da dança na cadeia com o sapateado de Roxie passando para todos os presentes, e a luta de Roxie com Two-Gun, a que a guarda põe termo de uma forma irresistível.

Manuel Cintra Ferreira